

SANTO TOMÁS DE AQUINO

COMENTÁRIO  
À PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS

BRASÍLIA  
2025

1ª Edição

Tradução de Alessandro Lima



Copyright © 2025 | Edições Veritatis Splendor  
*Comentário à Primeira Carta aos Coríntios 1ª Edição*  
Santo Tomás de Aquino.

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio.

**Capa e projeto gráfico/Projeto Editorial/Diagramação**  
Alessandro Lima

Santo Tomás de Aquino.

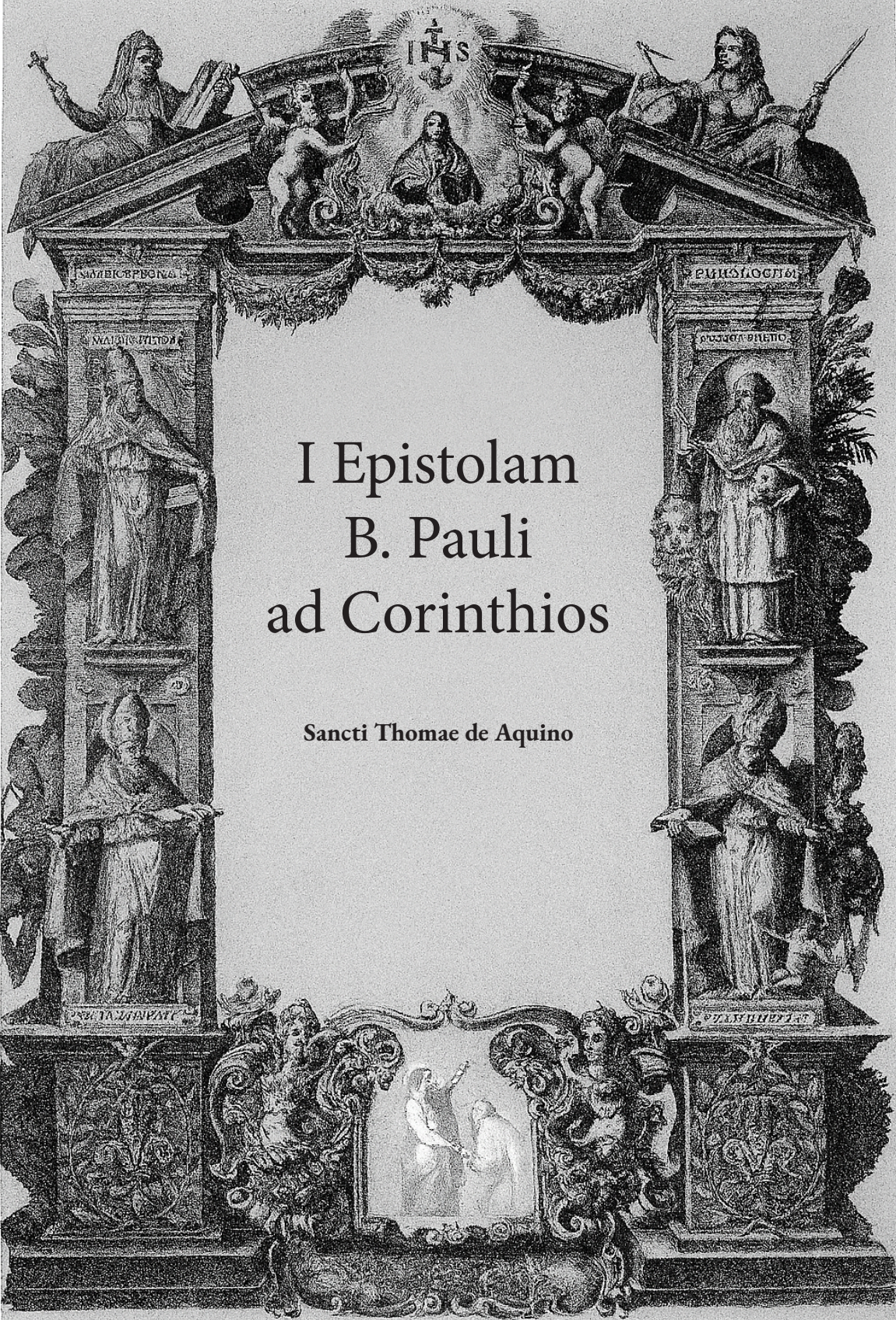
Comentário à Primeira Carta aos Coríntios/Tradução: Alessandro Lima - Brasília, DF: Edições Veritatis Splendor, 2025. 1ª Edição.  
392p. 16x23 cm.

ISBN: 978-65-85249-17-1

CDD 230



Os direitos desta edição pertencem a Edições Veritatis Splendor.  
Rua 13 Norte, Lotes 1/3. Torre A N. 1404.  
Águas Claras - DF  
CEP 71.909-720 - Telefone (61) 98161-1648  
Email - contato@livrariaveritatis.com.br  
Nosso site: <https://edicoesveritatisplendor.com.br>  
Vsite nossa loja: <https://livrariaveritatis.com.br>



I Epistolam  
B. Pauli  
ad Corinthios

Sancti Thomae de Aquino



# Sumário

Nota do Editor .....	9
Prefácio .....	11
Prólogo .....	31
<b>Capítulo I</b>	
<i>Sobre 1 Cor 1</i>	
Lição I	
<i>1 Cor 1,1-9</i> .....	33
Lição II	
<i>1 Cor 1,10-17a</i> .....	41
Lição III	
<i>1 Co 1,17b-25</i> .....	49
Lição IV	
<i>1 Cor 1,26-31</i> .....	59
<b>Capítulo II</b>	
<i>Sobre 1 Cor 2</i>	
Lição I	
<i>1 Cor 2,1-7</i> .....	65
Lição II	
<i>1 Cor 2,8-12</i> .....	71
Lição III	
<i>1 Cor 2,13-16</i> .....	79
<b>Capítulo III</b>	
<i>Sobre 1 Cor 3</i>	
Lição I	
<i>1 Cor 3,1-8a</i> .....	85
Lição II	
<i>1 Cor 3,8b-15</i> .....	91
Lição III	
<i>1 Cor 3,16-23</i> .....	105
<b>Capítulo IV</b>	
<i>Sobre 1 Cor 4</i>	
Lição I	
<i>1 Cor 4,1-5</i> .....	111

Lição II	
<i>1 Cor 4,6-13</i> .....	117
Lição III	
<i>1 Cor 4,14-21</i> .....	125

## Capítulo V

### *Sobre 1 Cor 5*

Lição I	
<i>1 Cor 5,1-5</i> .....	129
Lição II	
<i>1 Cor 5,6-8</i> .....	135
Lição III	
<i>1 Cor 5,9-13</i> .....	141

## CAPÍTULO VI

### *Sobre 1 Cor 6*

Lição I	
<i>1 Cor 6, 1-6</i> .....	147
Lição II	
<i>1 Cor 6, 7-13a</i> .....	153
Lição III	
<i>1 Cor 6,13b-20</i> .....	161

## Capítulo VII

### *Sobre 1 Cor 7*

Lição I	
<i>1 Cor 7,1-9</i> .....	169
Lição II	
<i>1 Cor 7,10-14</i> .....	179

## Capítulo VIII

### *1 Cor 11*

Lição I	
<i>1 Cor 11,1-3</i> .....	183
Lição II	
<i>1 Cor 11,4-7</i> .....	189
Lição III	
<i>1 Cor 11,8-16</i> .....	195
Lição IV	
<i>1 Cor 11,17-22</i> .....	201
Lição V	

<i>1 Co 11,23-24</i> .....	211
Lição VI	
<i>1 Cor 11,25-26</i> .....	221
Lição VII	
<i>1 Cor 11,27-34</i> .....	229

## Capítulo IX

### *Sobre 1 Cor 12*

Lição I	
<i>1 Cor 12,1-6</i> .....	237
Lição II	
<i>1 Cor 12,7-11</i> .....	245
Lição III	
<i>1 Co 12,12-31</i> .....	251

## Capítulo X

### *Sobre 1 Cor 13*

Lição I	
<i>1 Cor 13,1-3</i> .....	263
Lição II	
<i>1 Cor 13,4-7</i> .....	271
Lição III	
<i>1 Cor 13,8-11</i> .....	277
Lição IV	
<i>1 Cor 13,12-13</i> .....	283

## Capítulo XI

### *Sobre 1 Cor 14*

Lição I	
<i>1 Cor 14,1-4</i> .....	287
Lição II	
<i>1 Cor 14,5-12</i> .....	293
Lição III	
<i>1 Cor 14,13-17</i> .....	299
Lição IV	
<i>1 Cor 14,18-22</i> .....	305
Lição V	
<i>1 Cor 14,23-26</i> .....	309
Lição 6	
<i>1 Cor 14,27-33</i> .....	313
Lição 7	

<i>1 Cor 14,34-40</i> .....	317
-----------------------------	-----

## Capítulo XII

### *Sobre 1 Cor 15*

#### Lição I

<i>1 Cor 15,1-11</i> .....	321
----------------------------	-----

#### Lição II

<i>1 Cor 15,12-19</i> .....	331
-----------------------------	-----

#### Lição III

<i>1 Cor 15,20-28</i> .....	337
-----------------------------	-----

#### Lição IV

<i>1 Cor 15,29-34</i> .....	347
-----------------------------	-----

#### Lição V

<i>1 Cor 15,35-38</i> .....	353
-----------------------------	-----

#### Lição VI

<i>1 Cor 15,39-44a</i> .....	357
------------------------------	-----

#### Lição VII

<i>1 Cor 15,44b-50</i> .....	363
------------------------------	-----

#### Lição VIII

<i>1 Cor 15,51-52</i> .....	369
-----------------------------	-----

#### Lição IX

<i>1 Cor 15,53-58</i> .....	375
-----------------------------	-----

## Capítulo XII

### *Sobre 1 Cor 16*

#### Lição I

<i>1 Cor 16,1-9</i> .....	381
---------------------------	-----

#### Lição II

<i>1 Cor 16,10-24</i> .....	387
-----------------------------	-----

## Nota do Editor

O texto que usamos em nossa edição é aquele traduzido para o inglês por Fabian Larcher, O.P. e Daniel Keating. O texto em português disponível em nossa edição foi traduzido da referida tradução inglesa e cotejada com a tradução para o espanhol por J. I. M. publicada pela *Editorial Tradición, S. A* México, 1983. Tanto a tradução inglesa quanto a espanhola foram vertidas a partir dos textos latinos editados por Petri Marietti em 1896.

Achamos útil antes de colocar o prezado leitor em contato com o comentário tomista, oferecer uma introdução para situá-lo no que vai encontrar pela frente. E para isso escolhemos o esclarecedor artigo do Dr. Daniel Keating que gentilmente nos permitiu traduzir e reproduzi-lo nesta obra. Também devemos agradecimentos ao Pe. Thomas Weinandy responsável pela *T&T Clark International*, que detém os direitos da obra original em inglês e que também gentilmente nos cedeu os direitos de tradução e reprodução nesta edição.

Como se verá na própria obra e também logo adiante no prefácio, há uma lacuna nos textos selecionados. Nos textos do comentário a 1 Cor de Santo Tomás, “a parte de 1 Cor 7,15-10,33 foi perdida, e um comentário sobre esses versículos de Pedro de Tarentaise foi inserido como substituto para completar o comentário”. Esta lacuna compreende exatamente os parágrafos 347-581 e que não estarão disponíveis na presente edição.

Para os textos bíblicos utilizamos a tradução para o português da Vulgata Latina feita pelo Pe. Matos Soares (MT). Devido às diferenças entre as referências bíblicas da referida tradução para outras mais comuns, colocaremos a referência bíblia na edição MT entre parêntesis

e a referência comum<sup>1</sup> entre colchetes. Ex: (Sb 6,24 [6,22]). Quando não houver essa diferença, colocaremos a referência bíblia em parêntesis, sem a outra numeração em colchetes. Ex: (Tb 11,7). Quanto aos Salmos, pode também haver algumas diferenças entre as edições em função se a tradução foi feita com base no texto hebraico (Texto Massorético) ou no texto grego (LXX - Septuaginta). Colocaremos a referência do texto hebraico entre colchetes (Ex: Sl 34 {35}, 18).

Em todo texto, o Aquinate reproduz diversas expressões como se fossem do próprio Apóstolo Paulo. Colocamo-nas entre aspas duplas para deixar o texto mais harmonioso e facilitar a identificação do que seriam as palavras do Apóstolo e do próprio Santo Tomás.

---

1 Conforme as versões bíblias da Ave Maria, Aparecida, TEB, Paulus edição Pastoral, Bíblia de Jerusalém, etc.

# Prefácio

Dr. Daniel Keating<sup>1</sup>

Os comentários de Tomás de Aquino sobre Primeira e Segunda Coríntios, ricas em conteúdo teológico, apresentam-nos dificuldades textuais especiais. Uma ‘falha’ exegética percorre o manuscrito existente (ou seja, uma edição antiga e uma edição tardia parecem estar combinadas), e uma camada significativa de texto simplesmente está faltando (comentário sobre I Cor 7,15-10,33). A principal hipótese para este estado de coisas é a seguinte: Tomás de Aquino parece ter comentado as epístolas paulinas

---

<sup>1</sup> O Dr. Daniel A. Keating é um renomado teólogo católico e professor no *Sacred Heart Major Seminary*, localizado em Detroit, Michigan, nos Estados Unidos. Ele é especializado em Teologia Patrística, Ecumenismo e Nova Evangelização. Com uma carreira marcada pela dedicação ao estudo e ao ensino da teologia, Dr. Keating tem se concentrado especialmente na interação entre a tradição patrística da Igreja e a missão contemporânea da Igreja Católica. Ele é membro da *Fraternidade Missionária de São João Batista*, um grupo de padres e leigos que se dedicam à evangelização e à renovação espiritual da Igreja. Além de suas atividades pastorais e de ensino, Dr. Keating também atua como conferencista e tem contribuído em vários fóruns sobre teologia, espiritualidade e unidade cristã. No campo acadêmico, é reconhecido pelas suas publicações que dialogam entre a tradição dos Padres da Igreja e as necessidades da Igreja contemporânea. Entre suas obras de maior destaque estão: 1) “The Appropriation of Divine Life in Cyril of Alexandria” (2004), um estudo sobre a teologia da deificação (ou divinização) em São Cirilo de Alexandria, um dos mais importantes Padres da Igreja do Oriente; 2) “Deification and Grace” (2007), que explora a doutrina da deificação, um tema central na teologia patrística oriental e seu diálogo com a teologia ocidental. Além de seus livros, Dr. Keating tem publicado diversos artigos acadêmicos e capítulos de livros sobre temas como cristologia, sacramentos, ecumenismo e a importância da patrística para a teologia atual. Ele também se destaca por sua participação ativa no movimento ecumênico, buscando o diálogo entre a Igreja Católica e outras tradições cristãs, especialmente as Igrejas Ortodoxas e as comunidades protestantes, sempre enfatizando a busca pela unidade visível dos cristãos.

no início da sua carreira (seja entre 1259-65 ou 1265-68). Então, perto do fim de sua vida (seja no final de seu tempo em Paris, 1271-72, ou durante seu período em Nápoles, 1272-73), ele empreendeu uma revisão de seu comentário sobre as cartas de Paulo, mas só completou Romanos até 1 Coríntios, capítulo 10. Finalmente, no processo de coleta e transmissão de seus comentários, a parte de 1 Coríntios. 7,15-10,33 foi perdido, e um comentário sobre esses versículos de Pedro de Tarentaise foi inserido como substituto para completar o comentário<sup>2</sup>. Por conta disso, o que possuímos agora é um sistema mais desenvolvido *exposição* para 1 Cor. 1,1-7,14, provavelmente revisado pelo próprio Tomás no final de sua vida, e um pouco menos desenvolvido *relatórios* para 1 Cor 11,1-2 Coríntios de um ponto anterior de sua carreira, e uma lacuna no comentário de 1 Coríntios. 7,15-10,33<sup>3</sup>.

Apesar destas dificuldades textuais, e apesar de uma certa incerteza

---

2 Para tratamentos recentes sobre a datação dos comentários de Tomás sobre as epístolas paulinas, ver Eleonore Stump, *Biblical Commentary and Philosophy*, em N. Kretzmann e Eleonore Stump (eds.), *The Cambridge Companion to Aquinas* (Cambridge: Cambridge University Press, 1993), pp. 254–55; Christopher T. Baglow, “*Modus et Forma*”: *A New Approach to the Exegesis of Saint Thomas Aquinas with an Application to the Lectura super Epistolam ad Ephesios* (Rome: Editrice Pontificia Università Biblica, 2002), pp. 115–17; and Gilbert Dahan, ‘Introduction’, in *Thomas d’Aquin, Commentaire de la première épître aux Corinthiens* (Paris: Les Éditions du Cerf, 2002), pp. xii–xiii. Dahan apresenta as duas principais hipóteses sobre a datação dos comentários paulinos, a primeira de Weisheipl (com base na tese de Mandonnet) e a segunda de Torrell: J. A. Weisheipl, *Friar Thomas D’Aquino, His Life, Thought and Works* (Washington, DC: Catholic University of America Press, 1974), 246–49. Jean-Pierre Torrell, *St. Thomas Aquinas, vol. 1: The Person and His Work* (Washington, DC: Catholic University of America Press, 1996), pp. 327–29, 337–41. Embora os dois relatos difiram quanto à data precisa da série original dos comentários paulinos, ambos defendem um conjunto inicial de comentários em 1260, e depois uma redação mais detalhada de Romanos (e parte de 1 Coríntios) no final da carreira de Tomás de Aquino.

3 Para a distinção entre *relatórios* e *exposição* nos comentários bíblicos de Tomás de Aquino, ver Terence McGuckin, *Saint Thomas Aquinas and Theological Exegesis of Sacred Scripture*, New Blackfriars, 74 (1993), pp 202–4. e Donald K. McKim, “*Aquinas, Thomas*”, *Historical Handbook of Major Biblical Interpreters* (Downer’s Grove, IL: Intervarsity Press, 1998), pp. 86–87. Para a provável origem do *relatórios* na prática medieval, ver Beryl Smalley, *The Study of the Bible in the Middle Ages* (Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 2<sup>a</sup> ed., 1964), pp. 200–8.

sobre como as partes do comentário se relacionam entre si dentro do período da carreira de Tomás de Aquino, parece claro que Tomás de Aquino nunca vacilou na sua estimativa global das epístolas de Paulo e do lugar da correspondência coríntia dentro delas. Se de fato o comentário do Prólogo aos Romanos – onde Tomás oferece seu esboço das cartas paulinas com algum detalhe – data do fim de sua vida, e se o comentário sobre 1 Cor 2 a 2 Coríntios vem de seus primeiros anos de palestras em Roma, então temos evidências muito fortes de que ele permaneceu firme do início ao fim no que diz respeito ao lugar de 1 e 2 Coríntios dentro do *corpus* paulino. Suas declarações sobre tema, esboço e desenvolvimento são encontradas em 1 Cor 11-2 Coríntios coincidem exatamente com aqueles encontrados em 1 Cor 1-7.10b, e nesse sentido há uma perspectiva contínua que permeia os comentários de ambas as cartas.

Confiante nisso, considerarei esses comentários numa estrutura abrangente fornecida pelo próprio Tomás, e os lerei como exibindo em duas redações uma perspectiva única e consistente sobre as cartas de Paulo aos Coríntios. Para cada epístola, farei e tentarei responder duas perguntas: (1) Qual é para Tomás o tema central e o macro-esboço da carta? (2) Como ele expande e desenvolve os temas principais da carta? Além disso, apontarei outras características potencialmente significativas ou interessantes dos comentários (a maioria das quais não podem ser investigadas aqui) e tentarei, ao longo do caminho, vincular suas discussões tópicas nesses comentários com tratamentos semelhantes na *Summa Theologiae*, na esperança de que os dois relatos possam ser mutuamente esclarecedores<sup>4</sup>.

---

4 Tomás de Aquino faz amplo uso de 1 e 2 Coríntios na *Summa*. Ele cita o primeiro aproximadamente 400 vezes e o último aproximadamente 130 vezes. E embora certos capítulos sejam citados com mais frequência (por exemplo, 1 Coríntios 12, 13 e 15), podem ser encontradas citações de cada capítulo de ambas as cartas.

## Comentário sobre 1 Coríntios

### *Tema e esboço*

A estrutura abrangente que Tomás fornece para as epístolas paulinas aparece no *Prólogo* do seu *Comentário sobre Romanos*. As quatorze cartas (Hebreus é incluída por Tomás de Aquino) apresentam o ensino que “se baseia inteiramente na graça de Cristo”<sup>1</sup>: primeiro, como a graça aparece na Cabeça que é Cristo (Hebreus); segundo, como aparece nos seus membros principais (1-2 Timóteo, Tito, Filemom); e finalmente, como aparece no corpo místico, a Igreja (o restante das cartas). Dentro desta última categoria, a graça de Cristo é “susceptível de uma tripla consideração”: graça em si (Romanos); os sacramentos da graça (1-2 Coríntios, Gálatas); e a obra de unidade que a graça realiza na Igreja (Efésios, Filipenses, Colossenses, 1-2 Tessalonicenses). Notavelmente, ele subdivide ainda as duas epístolas aos Coríntios: “a primeira trata dos próprios sacramentos e a segunda da dignidade de seus ministros”<sup>2</sup>.

É justamente este esquema temático que reaparece no *Prólogo* do seu *Comentário sobre 1 Coríntios*. Seguindo o padrão da exegese medieval, em geral, Tomás de Aquino emprega um texto-chave de outras partes das Escrituras para descrever o tema dominante de um livro bíblico<sup>3</sup>. O texto que ele escolhe para 1 Coríntios é Sb 6.24 (Vulgata): “Não te esconderei os mistérios (sacramentos) de Deus, mas a procurará desde o início de seu nascimento, e trará à luz o conhecimento dela, e não passará por cima da verdade.” Ele fornece este comentário adicional:

Assim, o texto acima nos revela o assunto desta epístola, na qual o Apóstolo trata dos sacramentos da Igreja. Pois como na epístola

---

1 Tradução de Baglow, ‘Modus et Forma’, pp 124-5. Dahan, ‘Introdução’, p. ix, observa que nenhum autor antes do final do século XIII compôs um comentário sobre 1 Coríntios isoladamente – em todos os casos, foi parte de uma série de comentários sobre as epístolas de Paulo tomadas em conjunto.

2 Baglow, ‘Modus et Forma’, pp. 124-25.

3 Para a prática escolástica de empregar um texto bíblico para definir o assunto de um livro bíblico, como parte de uma introdução geral chamada abordagem, consulte Dahan, *Introduction*, pp. x, xxvi-xxvii.

aos Romanos ele havia discutido a graça de Deus, que opera nos sete sacramentos, aqui na primeira epístola aos Coríntios ele trata dos próprios sacramentos, e na segunda epístola aos Coríntios dos ministros dos sacramentos<sup>4</sup>.

Ao identificar um tema abrangente, Tomás de Aquino segue (conscientemente ou não) a tradição patrística grega de identificar o escopo de um livro bíblico como pré-requisito para comentários linha por linha<sup>5</sup>.

Eucaristia (capítulos 8-11). Colocado em formato esquemático, o contorno aparece da seguinte forma<sup>6</sup>:

## **I. Ensino geral sobre os sacramentos (caps. 1-15)**

### *A. Os próprios sacramentos (caps. 1-11)*

1. Batismo (caps. 1-4)
2. Matrimônio (caps. 5-7)
3. Eucaristia (caps. 8-11)

### *B. A realidade contida e significada: a graça (caps. 12-14)*

### *C. A realidade significada, mas não contida: a ressurreição (cap. 15)*

## **II. Ensino particular para os coríntios (cap. 16)**

---

4 Em 1 Cor., pról. [1-2]. É claro que Tomás de Aquino estava dando palestras sucessivas sobre as epístolas paulinas, porque no início do *Comentário sobre 1 Coríntios* ele se refere ao que havia dito anteriormente ao tratar de Romanos (Em I Cor. 1.1-9 [4]). As traduções dos comentários de Tomás de Aquino sobre 1 e 2 Coríntios foram retiradas de uma tradução inédita de Fabian Larcher, modificada e ajustada pelo autor. O número entre colchetes refere-se ao número do parágrafo da edição Marietti dos comentários: *Super Epistolas S. Pauli Lectura* 2 vols, 8ª ed.; Ed. Raphaelis Cai (Roma: Marietti, 1953).

5 Para a noção de escopo (objetivo ou intenção) nos Padres Gregos, ver Frances Young, *Biblical Exegesis and the Formation of Christian Culture* (Cambridge: Cambridge University Press, 1997), pp. 21–27 e Robert W. Wilken, *Cyril of Alexandria as Interpreter of the Old Testament*, em Thomas G. Weinandy e Daniel A. Keating (eds.), *The Theology of St. Cyril of Alexandria* (Londres/New York: T & T Clark, 2003), pp. 14–19.

6 Para um esboço minuciosamente detalhado do comentário, consulte Stroobant de Saiut-Eloy, *Commentaire de la première épître aux Corinthiens*, pp. 49–70.

Poderíamos muito bem perguntar: não será este um esboço um tanto forçado, uma estrutura imposta artificialmente a toda a carta? Parece que Tomás de Aquino não foi o primeiro a identificar os sacramentos como o tema central de 1 Coríntios; ele provavelmente está se baseando em uma tradição exegética que aceitou e desenvolveu<sup>7</sup>. Pode-se admitir que há uma certa artificialidade nesta forma de conceber o conjunto da carta. É duvidoso que Paulo tenha entendido a si como um tratado sobre os sacramentos. Ele estava respondendo a um conjunto de perguntas e questões colocadas a ele pela Igreja (ou por partes dentro dela), muitas das quais relativas aos sacramentos. Mas, uma vez admitido isso, há uma certa genialidade na maneira como Tomás descreve a carta. É uma estrutura que esclarece o conteúdo da carta e ajuda a posicionar as várias partes umas em relação às outras.

Deveríamos também reconhecer que “os sacramentos” funcionam principalmente para Tomás como uma espécie de esboço formal do todo, dando-lhe ordem e perspectiva. Mas ele não tenta relacionar cada tópico explicitamente com os sacramentos, e frequentemente lida com questões exegéticas em seus próprios termos, sem nenhuma referência aos sacramentos<sup>8</sup>. Em outras palavras, o tema e o macro-esboço fornecem uma estrutura útil para todo o comentário, mas não são excessivamente invasivos, e não há nenhuma tentativa na conclusão do comentário de resumir o todo em termos do tema e da sua natureza em suas partes.

### *Os Sacramentos*

Como seria de esperar em seu cuidadoso estudo linha por linha do texto, Tomás não fornece um tratamento extenso dos sacramentos em

---

7 Dahan, *Introduction*, p. xii: “Muitos comentaristas do século XIII, como Tomás de Aquino, colocaram ênfase em questões ligadas aos sacramentos.” Ele cita João de La Rochelle (falecido em 1246) como um exemplo de autor do século XIII que identifica os sacramentos como o tema central de I Coríntios.

8 McGuckin, *Saint Thomas Aquinas and Theological Exegesis of Sacred Scripture*, p. 210, observa: “Mesmo que na introdução geral à sua exegese de São Paulo, São Tomás sugira uma abordagem sistemática básica aos comentários paulinos em relação à teologia da graça, muitas das questões mais profundas emergem aqui e ali, sem organização óbvia, na inspiração de uma palavra ou frase da Sagrada Escritura.”

geral, mas, em vez disso, oferece breves comentários aqui e ali no texto. Começarei chamando a atenção para dois de seus comentários mais significativos sobre os sacramentos em geral e sua inter-relação, e depois examinarei o que ele diz sobre cada um dos três sacramentos apresentados em I Coríntios: o batismo, o matrimônio e a Eucaristia.

Num comentário à oração eucarística em 1 Cor 11,23-24, Tomás de Aquino nos dá sua própria explicação sobre por que os sacramentos foram instituídos:

Portanto, deve-se notar que os sacramentos foram instituídos por uma necessidade da vida espiritual. E, porque as coisas corporais são semelhanças das coisas espirituais, é apropriado que o sacramento seja proporcional às coisas que são necessárias à vida corporal, nas quais a geração vem primeiro, às quais o batismo é proporcional e através das quais a pessoa renasce para a vida espiritual. Em segundo lugar, para a vida corporal é necessário crescimento, pelo qual a pessoa atinge tamanho e poder perfeitos. A isto é proporcional o sacramento da Confirmação, no qual o Espírito Santo é dado para dar força. Em terceiro lugar, para a vida espiritual é necessário alimento, pelo qual o corpo do homem é sustentado, e da mesma forma a vida espiritual é alimentada pelo sacramento da Eucaristia<sup>9</sup>.

Os sacramentos são instituídos por Cristo com o propósito da vida espiritual e, notavelmente, esta vida espiritual segue o padrão da vida corporal e natural: geração (batismo); crescimento (confirmação); comida (Eucaristia<sup>10</sup>). Estes são, para Tomás, os “sacramentos da fé” que juntos efetuam e fortalecem em nós a própria vida em Deus<sup>11</sup>.

O segundo texto a considerar sobre os sacramentos em geral é

---

9 Em I Cor. 11.23-24 [650].

10 Na *Summa* (III, 65, I), Tomás oferece esta explicação exata da ordem dos sacramentos e sua conformidade com o padrão corporal de crescimento. A semelhança entre crescimento corporal e espiritual é um traço característico de sua teologia da graça: para esta semelhança aplicada ao crescimento na caridade, ver *Summa Theologiae* (ST), II-II, 24, 9; para sua aplicação à recepção diária da Eucaristia, ver ST, III, 80, 10.

11 Para referências ao(s) ‘sacramento(s) da fé’, ver em 1 Cor. 5,9-13 [263]; Em 1 Cor 6.1-6 [265]; veja também Em 1 Cor. 4.1-5 [186] onde Tomás fala dos “sacramentos da Igreja, nos quais o poder divino opera secretamente a salvação”, e em 1 Cor 6.7-13a [285] para o batismo e a Eucaristia como os sacramentos pelos quais somos salvos.

o comentário de Tomás de Aquino a 1 Cor 5,7: “Por Cristo, nosso cordeiro pascal foi sacrificado.” Aqui vemos sua tipologia bíblica em ação, mostrando a relação entre os sacramentos da Antiga Lei e os da Nova. A Páscoa, para Tomás, é “o sacramento mais excelente da Lei Antiga”<sup>12</sup>. O cordeiro é figura de Cristo, o inocente “cordeiro de Deus” (*In 1 Cor 1,36*); a passagem pelo Mar Vermelho é uma espécie do nosso batismo; e os pães ázimos são uma espécie de Eucaristia. Todo o acontecimento do êxodo e da libertação do Egito é uma espécie de “sacramentos da fé” pelos quais renascemos e fortalecemos na verdadeira vida espiritual. E o mais importante, Tomás conclui convidando os seus leitores a “celebrar a festa”, não apenas sacramentalmente através da participação na Eucaristia, mas “também espiritualmente, saboreando a sua sabedoria”<sup>13</sup>. O comentário de Tomás de Aquino sobre este versículo-chave mostra como ele une uma exegese tipológica com uma descrição da economia sacramental, mantendo ao longo de sua ênfase na transmissão e no crescimento da verdadeira vida espiritual.

*Batismo*<sup>14</sup>. Como observado acima, o sacramento do batismo serve como título formal para os capítulos 1, mas é digno de nota que, uma vez iniciado o comentário em si, Tomás imediatamente une o batismo ao ensino catequético ao definir estes capítulos iniciais: “Na primeira parte, o Apóstolo trata da doutrina junto com o batismo; assim, ele segue o exemplo do Senhor, que deu ao discípulo a injunção de lixiviar e batizar sob ordem (Mt 28, 19)”. Ao unir o batismo ao ensino do Evangelho e tratá-los em conjunto, Tomás de Aquino especifica o assunto: matéria de uma forma muito mais condizente com o próprio conteúdo dos capítulos 1-4, e, ao mesmo tempo, mostra a conexão intrínseca entre o sacramento do batismo e o ensino sobre a fé.

A preocupação dominante em relação ao batismo, à qual Tomás

---

12 Em 1 Cor 5,6-8 [246]. Para a exposição de Tomás de Aquino deste versículo na *Summa*, ver III, 73,6.

13 Para a distinção entre participar da Eucaristia sacramentalmente ou espiritualmente, ver *In 1 Cor.* 11,27-34 [698]. Tomás desenvolve esta distinção extensivamente no seu comentário ao Evangelho de João, *In Jo* 6,53-60 [969-976]; 6,61-72 [992], e na *Summa* (III, 80, 1-4).

14 Para o batismo na *Summa*, seção III, 66-71.

retorna em vários pontos do comentário, surge diretamente do próprio texto de 1 Coríntios: Qual é a relação entre Cristo e os ministros do batismo? A demarcação nítida que Paulo faz em 1 Cor 1 entre Cristo e o ministro do batismo proporciona a Tomás a oportunidade de sublinhar o papel único de Cristo. É “somente a graça de Cristo” que opera no batismo, e não a virtude do ministro?<sup>15</sup> É por isso que, diz Tomás de Aquino, Paulo insiste tanto que pertencemos a Cristo, e não a Apolo, a Pedro ou ao próprio Paulo (1 Cor 1,12). Ele prossegue dizendo que existem dois poderes próprios de Cristo no batismo: um é o poder divino (pelo qual o Deus trino nos purifica interiormente) e o outro é o poder próprio da sua natureza humana. O poder divino não pode ser comunicado a nenhuma criatura. O segundo poder, a excelência própria da sua natureza humana, poderia em princípio ser comunicado a outros, mas, na verdade, Tomás afirma que não o é. Aqui está a descrição deste poder próprio da natureza humana de Cristo:

O outro é o poder próprio da Sua natureza humana, que é o poder de excelência nos sacramentos e consiste em quatro coisas: uma é que Ele instituiu os sacramentos; a segunda é que Ele pode produzir o efeito dos sacramentos sem os sacramentos; a terceira é que o mérito da Sua paixão atua no batismo e nos demais sacramentos; a quarta é que os sacramentos são conferidos pela invocação do Seu nome. Agora ele poderia ter compartilhado este poder de excelência com Seus ministros e particularmente o quarto, a saber, que o batismo fosse consagrado em seus nomes, mas Ele reservou isso para Si mesmo; caso contrário, surgiria um cisma na Igreja, pois as pessoas suporiam que há tantos batismos quanto batizadores<sup>16</sup>.

Tomás de Aquino conclui esta seção do comentário com uma declaração impressionante sobre a suficiência exclusiva de Cristo para a salvação efetuada no batismo:

Portanto, se somente os sofrimentos de Cristo [*se apenas a paixão de Cristo*], se somente o nome de Cristo [*se apenas o nome de Cristo*], confere ao batizado o poder de ser salvo, então é de Cristo especialmente [é verdade que pertence a Cristo] que o batismo tem

---

15 *In I Cor 1. 10-17a [24]. ST, III, 64.*

16 *In Cor 1.10-17a[29].*

o poder de santificar. Consequentemente, qualquer um que atribua isso a outros divide Cristo em muitas partes<sup>17</sup>.

Se tal for o caso do batismo, este princípio não se aplica à eficácia da pregação e do ensino. Embora as duas atividades – batismo e ensino/pregação – estejam essencialmente ligadas para Tomás, elas não funcionam de forma idêntica. A virtude particular e pessoal do pregador contribui significativamente para a eficácia das suas palavras:

A diligência ou virtude do batizador em nada contribui para o batismo, pois é indiferente se o batismo for dado por um personagem maior ou menor. Mas na pregação do evangelho a sabedoria e a virtude do pregador contribuem muito; consequentemente, os apóstolos, sendo mais qualificados, exerceram pessoalmente o ofício de pregar. Da mesma forma se diz de Cristo...?<sup>18</sup>

*Matrimônio*<sup>19</sup>. Assim como ele expandiu a área temática do batismo para incluir o ensino e a pregação, também aqui Tomás de Aquino entende que os capítulos 5-7 se preocupam, não apenas com o matrimônio em si, mas com a fornicação, o matrimônio e a virgindade – que de fato são os principais assuntos que Paulo levanta nestes capítulos. Na leitura de Tomás, Paulo primeiro ataca o pecado que é contrário ao casamento, nomeadamente a fornicação (capítulos 5-6)<sup>20</sup>, e então modifica com sabedoria o zelo daqueles que, por detestarem a fornicação, concluíram que o casamento em si era um pecado (capítulo 7)<sup>21</sup>. No contexto de mostrar a bondade fundamental do casamento, ele fornece um resumo dos propósitos do casamento conforme ordenado por Deus.

Assim, portanto, o matrimônio tem três bens. A primeira é que é uma função da natureza no sentido de que está ordenada à produção e educação da prole; e esse bem é o bem da prole. O segundo bem

---

17 *In 1 Cor* 10-17a [34].

18 *In 1 Cor* 1.10-17a [39].

19 O ensinamento de Tomás de Aquino sobre o matrimônio aparece na ST, suppl., 41-68. Este foi compilado e editado por um de seus alunos a partir de seu primeiro *Comentário sobre as Sentenças*, escrito no início de sua carreira. Para um tratamento posterior dos sacramentos em Tomás, ver *Summa contra Gentiles*, IV, 78.

20 *In 1 Cor* 5,1-5 [228].

21 *In 1 Cor* 7,1-9 [313].

é que é um remédio para o desejo, restrito a uma pessoa definida; e esse bem se chama fidelidade, que o homem preserva para com sua esposa, não indo para outra mulher, e da mesma forma a esposa para com o marido. O terceiro bem é chamado sacramento, na medida em que significa a união de Cristo e da Igreja, como diz Efésios (5,32)<sup>22</sup>.

Nos comentários imediatamente seguintes, Tomás afirma a igualdade fundamental entre marido e mulher no que diz respeito aos direitos conjugais, oferecendo uma interpretação espiritual da criação da mulher a partir do homem em Gn 2.21.

Portanto, a mulher não foi formada pelos pés do homem como serva, nem pela cabeça como dona do marido, mas lateralmente como companheira, como diz Gênesis (2,21). Portanto, eles devem pagar a dívida um ao outro de acordo com o que diz em Romanos (13,7)<sup>23</sup>.

Embora as restrições de espaço não permitam uma discussão completa, a declaração de Tomás de Aquino sobre a igualdade entre marido e mulher no que diz respeito aos direitos conjugais deve ser lida em conjunto com a sua exegese de 1 Cor 11,3ss., onde Paulo afirma que “a cabeça da mulher é o seu marido”, e que a mulher deve usar o véu na igreja porque o homem “é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do homem”. Em resumo, Tomás de Aquino distingue o sentido em que o homem e a mulher são igualmente a imagem de Deus (Gn 1,27; Gl 3,28) do sentido em que o homem é a principal glória de Deus por causa da ordem da criação (Gn 2,23). A mulher é plenamente a imagem de Deus em dignidade, mas porque foi “tirada do homem”, ela é, num sentido especial, “a glória do homem”<sup>24</sup>.

Devido à seção de comentários que está faltando, começando com 1 Cor 7,15, infelizmente não temos acesso ao tratamento completo de Tomás sobre a relação entre casamento e virgindade. O que possuímos mostra-nos que ele segue o entendimento tradicional de que a virgindade

---

22 *In 1 Cor* 7,1-9 [318].

23 *In 1 Cor* 7,1-9 [321]. Na *Summa* (I, 92, 3), ele oferece a mesma exegese de Eva sendo tirada do lado de Adão.

24 Seu tratamento desta questão na *Summa* (I, 92-93) é inteiramente consistente com o tratamento que ele dá ao assunto aqui no *Comentário sobre I Coríntios*.

é o bem maior (embora não seja ordenado), e o casamento o bem menor (embora não seja proibido ou pecaminoso em si).

*Eucaristia*<sup>25</sup>. Não temos o comentário de Tomás sobre os capítulos 8-10 e, portanto, possuímos comentários sobre apenas um capítulo relacionado à Eucaristia (capítulo 11). Mas a partir da sua declaração de tópico no início do capítulo 11, fica claro que até este ponto ele se preocupou principalmente com uma prática contrária à Eucaristia (ou seja, a participação em alimentos oferecidos aos ídolos); agora ele vai retomar a instrução de Paulo sobre a Eucaristia *por si só* (o que de fato ele faz a partir do v. 17).

O comentário de Tomás de Aquino sobre a Eucaristia é difícil de resumir, mas constitui uma leitura muito interessante. Mais uma vez, ele acompanha o texto cuidadosamente e faz comentários mais curtos ou mais longos sobre cada versículo. Entre os diversos temas abordados estão: a necessidade do jejum antes da Eucaristia<sup>26</sup>; uma penitência recomendada antes de receber o sacramento<sup>27</sup>; como alguém pode ficar embriagado com o vinho consagrado quando a substância do vinho não permanece mais<sup>28</sup>; e como a Eucaristia pode servir de sacrifício para quem não a recebe<sup>29</sup>. A seção mais desenvolvida do seu comentário trata da presença de Cristo na Eucaristia (portanto, a transubstanciação) e das várias questões que surgem desta compreensão do que significa quando Cristo diz: “Este é o meu corpo... este é o meu sangue...”<sup>30</sup>

Entre os muitos possíveis pontos de interesse relativos ao ensino de Tomás de Aquino sobre a Eucaristia, identificarei aqui três para menção especial. O primeiro é o seu relato de por que a Eucaristia é dada sob duas espécies (pão e vinho; corpo e sangue). Ele oferece três razões. Primeiro, uma vez que a Eucaristia foi concebida para a perfeição do nosso crescimento espiritual, é apropriado que ela seja dada tanto na forma de

---

25 Para a Eucaristia no *Summa*, ver III, 73-83.

26 *In I Cor* 11,17-22 [631-32].

27 *In I Cor* 11,27-34 [690]. Para um breve tratado sobre o sacramento da Penitência, ver *In 2 Cor* 7,9b-11 [269].

28 *In I Cor* 11,17-22 [640-43].

29 *In I Cor* 11,25-26 [682].

30 *In I Cor* 11.25-26 [662-85]. *ST*, III, 75-77.

comida como de bebida – isto é apropriadamente paralelo aos meios que temos para o crescimento corporal. Novamente vemos como Tomás de Aquino vê os sacramentos como realizando no domínio espiritual o que a comida e a bebida físicas realizam no domínio corporal. Em segundo lugar, as duas espécies são adequadas à Paixão de Cristo que significam. Assim como o sangue de Cristo foi separado do seu corpo na cruz, no sacramento o sangue é oferecido separadamente do corpo. Terceiro, as duas espécies correspondem à nossa dupla constituição de corpo e alma. O corpo de Cristo é oferecido pela saúde do nosso corpo; o sangue é oferecido pela saúde de nossas almas. Tomás invoca Lv 17,11, “Pois a alma da carne está no sangue”, para mostrar a relação entre o sangue e a alma<sup>31</sup>.

O segundo ponto de interesse é como Tomás apresenta a relação entre a Eucaristia e os outros sacramentos (especialmente o batismo). Já vimos como ele considera os sacramentos como proporcionando um meio divino de nascimento espiritual, crescimento e maturidade em Cristo. Imediatamente após esta ordenação dos sacramentos, ele acrescenta:

Deve-se compreender que a causa da geração não se une segundo a sua substância à gerada, mas apenas segundo o seu poder; mas a comida é unida de acordo com a sua substância àqueles que são alimentados. Portanto, no sacramento do batismo, pelo qual Cristo nos regenera para a salvação, não é Cristo segundo a Sua substância, mas apenas segundo o Seu poder. Mas no sacramento desta Eucaristia, que é alimento espiritual, Cristo está presente segundo a sua substância<sup>32</sup>.

Nos outros sacramentos, a matéria consagrada (água, óleo, crisma) precisa ser posta em uso eficaz para que o sacramento possa efetuar a obra da graça. Mas no caso da Eucaristia é diferente: “Este sacramento se completa na própria consagração da matéria, na qual está contido o próprio Cristo, que é o fim de toda graça santificante”<sup>33</sup>. A qualidade especial da Eucaristia para Tomás é a maneira como Cristo está substancialmente contido nela.

---

31 Em 1 Cor 11,23-24 [653]. Na *Summa* (III, 74, I), Tomás oferece apenas estas três razões para o uso das duas espécies, e acrescenta uma quarta, a saber, que o pão e o vinho demonstram que a Igreja é composta de muitos membros (muitos grãos fazem o pão, muitas uvas fazem o vinho).

32 *In 1 Cor 11,23-24* [651].

33 *In 1 Cor 11.23-24* [660].

Dito isto, ainda é verdade que Tomás entende que a Eucaristia só tem o seu efeito adequado em nós se dela participarmos dignamente, isto é, espiritualmente e com fé.

Isto leva-nos diretamente ao terceiro ponto que merece menção especial, nomeadamente, a abordagem pastoral de Tomás de Aquino à Eucaristia como meio de renovação e crescimento espiritual. Esta preocupação pastoral surge de 1 Cor 11,27-34, onde Paulo fala sobre maneiras dignas e indignas de receber a Eucaristia, e afirma que é possível que alguém “coma e beba julgamento sobre si mesmo”. Consistente com todo o seu tratamento, Tomás identifica “o fruto deste sacramento” como “revigoramento espiritual”. Podemos pecar venialmente contra a devida reverência pela Eucaristia, aproximando-nos dela com uma mente distraída pelas preocupações mundanas. Isto, para Tomás de Aquino, impede o verdadeiro refrigério espiritual que obtemos ao participar. Mas também podemos pecar mortalmente se demonstrarmos desprezo pelo sacramento ou nos aproximarmos com a intenção de pecar mortalmente<sup>34</sup>. É desta forma que comemos ou bebemos julgamento sobre nós mesmos. O objetivo, então, é participar da Eucaristia, não apenas sacramentalmente, mas sacramentalmente e espiritualmente. Nisto recebemos a res do sacramento, que é a caridade<sup>35</sup>.

Tomás de Aquino conclui abordando a questão da frequência da recepção. Alguns, diz ele, são atraídos a receber a Eucaristia com frequência porque dela adquirem vida espiritual. Outros, por medo de recebê-lo indignamente, participam mais raramente. “Ambos são louváveis”, conclui Tomás, porque um caso demonstra caridade e o outro honra e reverência para com Cristo. No seu comentário final, Tomás de Aquino mostra, ao mesmo tempo, o seu profundo apreço pela Eucaristia como alimento vivificante quotidiano e a sua sensibilidade para com as necessidades pastorais de quem a recebe:

Mas por causa do amor ser preferível ao medo, parece mais louvável receber com mais frequência do que com menos frequência. Mas porque algo mais digno de escolha em si pode ser menos digno de

---

34 *In I Cor 11,27-34 [687-89].*

35 *In I Cor 11,27-34 [698].*

escolha em relação a esta ou aquela pessoa, cada um deve considerar em si mesmo que efeito teria nele a recepção frequente deste sacramento. Pois se alguém sente que isso o ajuda a progredir no fervor do seu amor a Cristo e na sua força para resistir aos pecados, deve receber com frequência. Mas se alguém sente menos reverência por este sacramento por recebê-lo com frequência, deve ser aconselhado a recebê-lo raramente<sup>36</sup>.

### *Um templo do Espírito Santo*

Existem muitos tópicos potencialmente interessantes na obra de Tomás de Aquino. *Comentário sobre 1 Coríntios* que os leitores podem querer explorar: por exemplo, o contraste entre a sabedoria humana e a divina (1 Cor 1,17-2,16)<sup>37</sup>; o relacionamento entre homem e mulher em Cristo! (1 Cor 11,1-16)<sup>38</sup>; o lugar dos dons espirituais e sua relação com a caridade (1 Cor 12-14)<sup>39</sup>; ou o magnífico tratamento de Paulo sobre a ressurreição dos mortos (1 Cor 15,1-58)<sup>40</sup>. Dadas as limitações de espaço, selecionei apenas um assunto para esboçar brevemente: o tratamento dado por Tomás de Aquino ao cristão como um templo do Espírito Santo (1 Cor 3,16-23; 1 Cor 6,19).

O texto que motiva a discussão de Tomás sobre o cristão como templo do Espírito Santo é 1 Cor 3,16: “Vocês não sabem que são templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês?” Ele começa afirmando um princípio geral: “Tudo em que Deus habita pode ser chamado de templo”<sup>41</sup>. Ele então identifica três sentidos nas Escrituras

---

36 *In 1 Cor 11,27-34* [699]. Na *Summa* (III, 80, 10), Tomás oferece a mesma explicação para a frequência de recepção: é louvável e recomendado receber diariamente, mas cada um deve receber conforme a frequência que serve ao seu bem espiritual. A conta no *Summa*, no entanto, parece dar maior peso à recepção diária. Se de fato o seu comentário sobre I Cor 11 é anterior à *Summa*, é pelo menos possível que Tomás tenha dado maior ênfase à recepção diária da Eucaristia no final de sua vida.

37 *In 1 Cor 1,17b-2,16* [40-121].

38 *In 1 Cor 11,1-16* [582-620].

39 *In 1 Cor 12-14* [709-887]. *ST*, III, 68; II-II, 171-78.

40 *In 1 Cor 15,1-58* [888-1023]. *ST*, sup., 69-99.

41 *In 1 Cor 3,16-23* [172].

em que um templo é entendido como a morada de Deus. Primeiro, no sentido de que Deus habita dentro de si mesmo (Ap 21,22, “Seu templo é o Senhor Deus”). Segundo, no sentido de que Deus habita num edifício consagrado pela adoração que lhe é oferecida ali (Sl 5,7, “Adorarei para o teu santo templo”). Finalmente, no sentido de que Deus habita em nós pela fé operando através do amor (Ef 3,17, “Para que Cristo habite em vossos corações pela fé”). A referência ao Espírito habitando em nós (v. 16b) apenas prova que o Espírito realmente é Deus: “Isso mostra que o Espírito é Deus, por cuja habitação os fiéis são chamados de templo de Deus, pois somente a habitação de Deus faz de uma coisa o templo de Deus.”<sup>42</sup>

Tomás prossegue especificando o que significa dizer que Deus habita em nós como num templo. Sabemos, lembra-nos Tomás, que Deus existe em todas as coisas por meio de sua essência, poder e presença, mas sua habitação como em um templo é distinta dessa forma de presença.

Diz-se que Deus habita espiritualmente como numa família que habita nos santos, cuja mente é capaz de Deus pelo conhecimento e pelo amor, mesmo que eles não estejam realmente pensando Nele ou O amando, desde que pela graça possuam o hábito da fé e da caridade, como é o caso das crianças batizadas. No entanto, o conhecimento sem amor não é suficiente para a habitação de Deus. É por isso que muitas pessoas conhecem a Deus pelo conhecimento natural ou pela fé informe, mas o Espírito de Deus não habita neles<sup>43</sup>.

Para Tomás, então, a habitação do Espírito é o pré-requisito e a condição contínua para o hábito operativo da fé formado pelo amor no cristão. Mais adiante, no comentário, ao considerar 1 Cor 6,19, “Você não sabe que seu corpo é um templo do Espírito Santo dentro de você, que você recebeu de Deus?”, Tomás de Aquino liga a ideia do templo do Espírito Santo explicitamente com Rom. 5,5, demonstrando assim a ligação entre a habitação do Espírito e a caridade:

A casa de Deus é chamada de templo. Portanto, porque o Espírito Santo é Deus, é correto dizer que qualquer pessoa em quem o

---

42 *In 1 Cor 3,16-23 [172].*

43 *In 1 Cor 3,16-23 [173].*

Espírito Santo existe é chamada de templo de Deus. Mas o Espírito Santo está principalmente nos corações dos homens, nos quais o amor de Deus é derramado pelo Espírito Santo, como diz Rm 5,5. Mas, secundariamente, Ele está também nos membros do corpo, na medida em que praticam atos de caridade<sup>44</sup>.

Pode ser útil comparar esta discussão sobre a habitação de Deus através do Espírito Santo com o comentário de Tomás de Aquino sobre 2 Cor 6,16, “Pois somos o templo do Deus vivo.” Se a datação proposta para os comentários estiver correta, então seu comentário sobre este texto, na verdade, antecede em vários anos sua discussão de 1 Cor 3,16 e 6,19. Embora os detalhes da exegese sejam diferentes, Tomás de Aquino afirma em todos os três textos o mesmo entendimento básico do que significa dizer que Deus habita em nós como num templo.

Ele começa sua discussão sobre 2 Cor 6,16 identificando a razão para o uso de imagens do templo: “Pois a utilidade de um templo é que Deus habite nele, porque um templo é um lugar consagrado para Deus habitar.”<sup>45</sup> Depois, num belo comentário intertextual, Tomás interpreta a habitação de Deus em nós através das palavras do Lv 26,11-12, tomando cada frase por vez: “Eu estabelecerei minha morada [*tabernáculo*] no meio de vocês..., andarei entre vocês, serei o seu Deus, vocês serão o meu povo.” A primeira frase, diz-nos Tomás, refere-se à “graça operante”, que se refere a Deus estar em alguém pela graça.

Pois embora se diga que Deus está em todas as coisas por sua presença, poder e essência, não se diz que ele habita [*habitar*] neles, mas apenas nos santos através da graça; a razão é que Deus está em todas as coisas pela sua atividade, na medida em que se une a elas como dando o ser e conservando-as no ser, mas nos santos pela atividade [*operação*] dos próprios santos, pelos quais chegam a Deus e de certa forma o compreendem, que é amar e conhecer. Pois quem conhece e quem ama tem dentro de si aquilo que conhece e ama<sup>46</sup>.

Tomás de Aquino faz aqui a mesma distinção que fez acima entre

---

44 *In 1 Cor* 6,13b-20 [309].

45 *In 2 Cor* 6,11-18 [240].

46 *In 2 Cor* 6,11-18 [240]. Para um texto paralelo na *Summa* sobre Deus habitando em nós como em um templo, ver I, 43, 3.

Deus existindo em todas as coisas por sua presença, poder e essência, por um lado, e sua habitação nos santos, pela graça, por outro. Mas há um acréscimo digno de nota: a habitação de Deus como num templo faz com que ajamos com fé e amor, capacitando-nos a conhecer e amar a Deus porque ele habita dentro de nós. A habitação de Deus através do Espírito Santo nos santos não é uma presença passiva; pelo contrário, para Tomás é o princípio ativo pelo qual conhecemos e amamos a Deus.

A segunda frase de Lv 26,11-12, “Caminharei entre eles”, é aplicado por Tomás à “graça cooperante” que nos permite progredir com a ajuda de Deus:

Eu os promoverei de virtude em virtude, pois esse progresso é impossível sem a graça de Deus: ‘Pela graça de Deus sou o que sou’ (1 Cor 15,10). Pois assim como a graça operante nos faz ser algo no ser [esse] da justiça, também a graça cooperante nos faz progredir nesse ser [esse]<sup>47</sup>.

A terceira frase, “Eu serei o seu Deus”, refere-se à proteção providencial de Deus ou à recompensa que aguarda os santos, que nada mais é do que o próprio Deus. Finalmente, a última frase, “eles serão o meu povo”, aplica-se ao culto e ao serviço que os fiéis prestam a Deus.

A partir deste texto simples em que o povo cristão é identificado como o templo do Deus vivo, Tomás de Aquino desenvolve uma imagem muito completa do que significa ter Deus habitando em nós. Recebemos a graça de conhecer e amar a Deus e de progredir de virtude em virtude na nova vida que nos foi dada; recebemos a recompensa de ter Deus como nossa recompensa e somos capazes de adorá-lo corretamente em Espírito e em verdade. Tudo isto porque Deus veio habitar eficazmente em nós através do Espírito Santo.

Tomás de Aquino foi por vezes criticado por ter uma doutrina instrumental da graça que minimiza a habitação de Deus através do Espírito Santo, e foi notado que o seu tratado sobre a graça na Summa parece evitar a linguagem da habitação<sup>48</sup>. Mas aqui, nos seus comentários

---

47 *In 2 Cor 6,11-18 [240].*

48 Para esta última observação, ver A.N. Williams, *The Ground of Union: Deification in Thomas Aquinas and Gregory Palamas* (Oxford: Oxford University Press,

bíblicos, encontramos um rico relato do cristão como templo do Deus vivo e da habitação do Espírito que produz em nós todos os frutos da fé e do amor. Isto é inteiramente consistente com o seu princípio constantemente repetido de que o dom do Espírito Santo é a marca principal da Nova Aliança em Cristo<sup>49</sup>.

---

1999), p. 81. Em toda *Summa*, Tomás de Aquino cita apenas duas vezes estes textos sobre sermos templos do Espírito Santo: 1 Cor 3,16 (ST, I-II, 109, 9, ad 2); 1 Cor 6,19 (ST, I, 27, I). Mas para um relato da centralidade da habitação do Espírito Santo na teologia de Tomás de Aquino, veja meu artigo, *Justification, Sanctification and Divinization in Thomas Aquinas*, em Thomas G. Weinandy, Daniel Keating e John Yocum (eds.), *Aquinas on Doctrine: A Critical Introduction* (Londres/New York: T & T Clark, 2004), pp. 148-151.

49 Tomás de Aquino deixa este ponto explicitamente em seu comentário sobre a Nova Aliança, em 2 Cor 3,6-11 [90]: “Portanto, é claro que a Antiga Lei é uma aliança de palavras, mas a Nova Aliança é uma aliança do Espírito Santo, por quem o amor de Deus é derramado em nossos corações, como diz em Rm 5,5. Consequentemente, quando o Espírito Santo produz em nós a caridade, que é a plenitude da Lei, é uma Nova Aliança.” Veja também ST, I-II, 106, 1-3.



## Prólogo

*“[...] não vos encobrirei os segredos [sacramentos] de Deus, mas investigá-los-ei desde o princípio do seu nascimento e porei às claras a sua ciência, e não passarei por alto a verdade” (Sb 6,24 [6,22])*

1. A palavra “sacramento” pode ser entendida em dois sentidos: às vezes significa algo secreto, principalmente no que diz respeito às coisas sagradas; e às vezes significa o sinal de uma coisa sagrada, no sentido de ser sua imagem e causa. É neste segundo sentido que falamos dos sete sacramentos: batismo, confirmação, eucaristia, penitência, extrema-unção, ordens e matrimônio. Além disso, o primeiro sentido é então incluído neste segundo sentido, pois um poder divino está secretamente em ação nesses sacramentos da Igreja, como diz Agostinho.

2. Conseqüentemente, estes sacramentos de Deus não devem ser ocultados, mas expostos aos fiéis de Cristo por seus mestres e prelados por três razões.

Em primeiro lugar, porque isso redundou na honra de Deus: “E bom conservar escondido o segredo do rei, mas é coisa louvável manifestar e publicar as obras de Deus.” (Tb 12, 7).

Em segundo lugar, porque isso é necessário para a salvação dos homens, que podem cair em desespero por não os conhecendo, pois a Sabedoria (2,22) diz que alguns homens “não conheciam os propósitos secretos de Deus, nem esperavam o salário da santidade”, porque os homens são purificados pelos sacramentos e preparados para receber o salário da santidade.

Em terceiro lugar, porque este é um dever dos mestres e prelados, como apontado pelo Apóstolo: “A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios as riquezas incompreensíveis de Cristo” (Ef 3,8).

Assim, o texto acima nos revela a forma temática desta epístola, na qual o apóstolo discute os sacramentos da Igreja. Visto que na

## Santo Tomás de Aquino

epístola aos Romanos ele havia discutido a graça de Deus, que atua nos sete sacramentos, aqui na primeira epístola aos coríntios ele discute os próprios sacramentos e na segunda epístola aos coríntios os ministros dos sacramentos.

Voltemos, portanto, ao texto.

# Capítulo I

## Sobre 1 Cor 1

### Lição I

*1 Cor 1,1-9*

“1. Paulo, chamado a ser Apóstolo de Jesus Cristo, por vontade de Deus, e Sóstenes, irmão, 2. à Igreja de Deus, que está em Corinto, aos santificados em Jesus Cristo, chamados a ser santos, com todos os que, em qualquer lugar, invocam o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Senhor e nosso: 3. Graça e paz (vos sejam dadas) da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. 4. Dou graças, incessantemente, ao meu Deus por vós, pela graça de Deus, que vos foi dada em Jesus Cristo, 5. porque nele fostes cumulados de todas as riquezas, de todas as (riquezas) da palavra e da ciência, 6. na medida em que a pregação de Cristo tomou força entre vós, 7. de maneira que nada falte em graça alguma a vós, que esperais a manifestação de Nosso Senhor Jesus Cristo, 8. o qual também vos confirmará até ao fim para que sejais irrepreensíveis no dia da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo. 9. Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à sociedade de seu Filho Jesus Cristo Nosso Senhor.”

3. Esta epístola divide-se em duas partes: na primeira envia a saudação e na outra a mensagem (v. 4). Quanto à primeira, ele faz três coisas: primeiro, ele menciona as pessoas a que enviam a saudação; em segundo lugar, as pessoas saudadas (v. 2); em terceiro lugar, ele os deseja bem (v. 3).

4. Quanto à primeira, ele menciona primeiro a pessoa principal e

a descreve pelo seu nome, Paulo. Já foi dito o suficiente sobre esse nome na epístola aos Romanos. Basta dizer aqui que esse nome é mencionado como um símbolo de humildade, pois Paulo significa uma pequena quantidade, que pertence à humildade: “Porventura quando tu eras pequeno aos teus olhos, não foste feito chefe das tribos de Israel?” (1 Sam 15,17); “escondeste estas coisas aos sábios e aos prudentes, e as revelaste aos pequeninos.” (Mt 11,25).

5. Então ele se descreve a partir de sua dignidade. Em primeiro lugar, ele menciona como uma dignidade deve ser obtida quando diz, chamado, uma vez que está afirmado em Hb (5,4): “E nenhum se arroga esta honra, senão o que é chamado por Deus, como Aarão.”

Em segundo lugar, ele menciona sua dignidade, dizendo: um apóstolo de Jesus Cristo. Esta, é claro, é a maior dignidade na Igreja e significa “enviados”, porque eles foram enviados por Deus para agir em Seu nome na terra; por isso diz em Lc (6,13): “escolheu doze dentre eles, aos quais deu o nome de Apóstolos”, e abaixo (1 Cor 12,28): “E assim a alguns constituiu Deus na Igreja: em primeiro lugar, apóstolos”.

Em terceiro lugar, ele indica a fonte e a causa desta dignidade quando diz: “pela vontade de Deus”. Isso se refere à vontade de Sua boa vontade, que escolhe quem governa a Igreja de uma forma ou de outra: “O domínio sobre um país está na mão de Deus, e ele é que, a seu tempo, suscitará um governador útil” (Eclo 10, 4).

Mas quando Deus dá a alguém com autoridade um relato dos pecados dos súditos: “Ele faz reinar pelos pecados do povo o hipócrita”<sup>1</sup> (Jó 34,30), tal governante não está segundo a vontade de Deus, mas de acordo com Sua indignação: “Dei-te um rei no meu furor, e retiro-to na minha indignação.” (Os 13,11)<sup>2</sup>.

6. Em segundo lugar, ele menciona a outra pessoa que envia a saudação quando diz, e Sóstenes, nosso irmão, a quem ele menciona junto com ele, porque foi ele quem relatou ao Apóstolo as brigas e outras falhas

---

1 NdE: este é o texto que se encontra no comentário. Contudo, o texto bíblico que temos na maioria das traduções é um pouco diferente: “Ele [Deus] não deixa que o ímpio reine, que o povo fique sujeito a tropeçar.”

2 No texto inglês a referência bíblica está Os 13,10, o que está errado. No texto latino a referência está correta.

correntes entre os coríntios. Ele o chama de irmão, para mostrar que não o fez por ódio, mas por zelo da caridade: “Repreende o sábio, e ele te amará” (Pv 9,5 [9, 8]).

7. Depois menciona as pessoas que está saudando, dizendo: à igreja de Deus que está em Corinto.

Primeiro, ele menciona as pessoas principais, a quem descreve de três maneiras: primeiro, de sua região, quando diz, para a igreja de Deus que está em Corinto, ou seja, os fiéis de Cristo reunidos em Corinto: “Dar-te-ei graças na grande assembleia, louvar-te-ei no meio dum povo numeroso.” (Salmo 34 {35},18).

Em segundo lugar, do dom da graça, quando ele diz: aos santificados em Cristo Jesus, ou seja, na fé, paixão e sacramentos de Cristo Jesus: “fostes lavados, fostes santificados” (1 Cor 6,11); “Pelo que também Jesus, para santificar o povo com o seu sangue, padeceu fora da porta (de Jerusalém).” (Hb 13,12).

Em terceiro lugar, ele menciona a fonte da graça quando diz: chamados a ser santos, porque chegaram à santidade pela graça de serem chamados: “Porque os que ele conheceu na sua presciência, também os predestinou” (Rm 8,30); “das trevas vos chamou à luz admirável” (1 Pd 2,9).

8. Em seguida, menciona as outras pessoas, a saber, os fiéis que não estavam naquela cidade, mas viviam na diocese da cidade ou nos arredores; por isso ele diz: junto com aqueles que invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, confessando a verdadeira fé: “todo o que invocar o nome do Senhor será salvo” (Jl 2,32). E isso em todo lugar sujeito à sua jurisdição; o Senhor deles e o nosso, porque sua sujeição ao bispo da cidade não os isentava do poder do apóstolo; ao contrário, eles estavam mais sujeitos ao apóstolo do que àqueles a quem ele os havia submetido: “Bendize o Senhor, vós todas as suas obras, em todos os lugares do seu domínio. Bendiz, ó minha alma, o Senhor.” (Sl 102 {103}, 22).

9. Por fim, menciona nesta saudação os presentes salutareos que lhes deseja. A primeira delas é a graça para nós, pela qual somos libertos do pecado: “e são justificados gratuitamente pela sua graça, por meio da redenção, que está em Jesus Cristo” (Rm 3,24) e a última é a paz, que é levada à perfeição na felicidade eterna: “pôs em paz as tuas fronteiras” (Sl 147 {146}, 14 ); “O meu povo repousará numa habitação de paz, em moradas

seguras, em vivendas tranquilas” (Is 32,18). Mas esses dois incluem todos os outros dons; daí ele diz: graça e paz. Aquele que os causa é mencionado quando ele diz: de Deus nosso Pai: “Toda a dádiva excelente, todo o dom perfeito vem do alto e desce do Pai das luzes” (Tg 1,17). Acrescenta: e da parte do Senhor Jesus Cristo, “nos deu estas preciosas e magníficas promessas, a fim de que assim vos torneis participantes da natureza divina, fugindo da corrupção que há no mundo pela concupiscência.” (2 Pd 1, 4); “mas a graça e a verdade foi trazida por Jesus Cristo” (Jo 1,17).

**10.** A frase, “de Deus nosso Pai”, pode ser entendida por toda a Trindade, pela qual fomos criados e adotados como filhos; mas o Senhor Jesus Cristo é adicionado, não como se Ele fosse uma pessoa acima e além das três pessoas, mas devido a Sua outra natureza. Ou Deus, nosso Pai, é tomado como a pessoa do Pai, como em Jo (20,17): “Não me retenhas, porque ainda não subi para meu Pai; mas vai a meus irmãos e dize-lhes que subo para meu Pai, e vosso Pai, para o meu Deus, e vosso Deus.”, ao passo que o Senhor Jesus Cristo é adicionado para indicar a pessoa do Filho. O Espírito Santo não é mencionado, porque Ele é o nexó do Pai e do Filho, e é compreendido quando as outras duas pessoas são mencionadas, ou porque Ele é o dom de ambos, Ele é compreendido nos dons, graça e paz, que são concedidas pelo Espírito Santo: “Mas todas estas coisas as opera um só e o mesmo Espírito, repartindo a cada um como quer.” (1 Cor 12,11).

**11.** Depois, quando diz: “Dou graças a Deus”, começa a sua mensagem: primeiro, dá graças pelas suas bênçãos, para que suportem mais facilmente a correção das suas faltas; em segundo lugar, ele começa a instruí-los (v. 10).

**12.** Quanto à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, ele agradece pelas bênçãos que já receberam; em segundo lugar, para aqueles que eles esperavam no futuro (v. 7b). Ele menciona seu agradecimento quando diz: Eu dou graças a Deus, que além de ser o Deus de todas as coisas pela criação e governo, é seu Deus e de todo homem justo pela fé e devoção: “Tu és o meu Deus, e eu te dou graças; ó meu Deus, eu te exalto com louvores.” (Sl 117 {118}, 28). Ele também menciona isso quando dá graças; por isso diz: sempre, porque este agradecimento veio do ardor da caridade, que estava sempre vivo no seu coração: “Aquele que é amigo é-o em todo tempo” (Pv 17,17). Mas embora ele os amou em todos os

momentos e continuamente agradeceu por suas bênçãos, ele agradeceu por eles, especialmente em todas as horas que reservou para a oração. Ele também menciona aqueles por quem dá graças quando diz: por vocês, em cujas bênçãos ele se alegrou como nas suas por causa da união da caridade: “Eu não tenho maior alegria do que ouvir dizer que os meus filhos andam no caminho da verdade.” (3 Jo 4).

**13.** Depois indica as bênçãos pelas quais dá graças. Primeiro, em geral, quando ele diz: por causada graça de Deus, ou seja, pela graça de Deus, que foi dada a você em Cristo Jesus, ou seja, por Cristo Jesus: “Todos nós participamos da sua plenitude, e recebemos graça sobre graça” (Jo 1,16).

Em segundo lugar, em detalhe: primeiro, quando ele menciona a abundância de sua graça, dizendo: porque em todos os sentidos, a saber, que pertence à salvação, você foi enriquecido, ou seja, feito transbordar nele, ou seja, por meio de Cristo: “Com efeito, conheceis a liberalidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por vós, a fim de que fósseis ricos pela sua pobreza.” (2 Cor 8, 9).

Ele explica em que assuntos eles enriqueceram quando diz: com toda a fala, seja **porque falavam em toda espécie de línguas**<sup>3</sup>, seja porque abundavam na enunciação da doutrina. Mas, porque a palavra não foi pronunciada corretamente, a menos que procedesse do conhecimento, ele acrescenta: e todo conhecimento, ou seja, o entendimento de todas as Escrituras e, em geral, de todas as coisas relativas à salvação: “e lhe mostrou o reino de Deus, e lhe deu o conhecimento das coisas santas” (Sab 10,10).

O que o apóstolo diz aqui se refere àqueles da Igreja que eram mais perfeitos e inclui personagens ainda menores que possuíam essas riquezas, como diz Agostinho: “Se você ama a unidade da qual você é membro, você tem tudo o que os outros têm nela. Remova a inveja e os bens de outros serão seus, pois o amor une aqueles que a ganância e a inveja separariam.”

**14.** Em segundo lugar, ele mostra a sua correção quando diz: assim como o testemunho de Cristo foi confirmado entre vocês. Pois a enunciação da doutrina não seria correta ou o conhecimento correto, se discordasse do testemunho de Cristo ou se o testemunho de Cristo não tivesse um apego firme em seus corações pela fé, porque, como diz em Tg

---

3 NdE: destaque nosso.

(1,6): “porque aquele que hesita é semelhante à onda do mar, agitada e levada de uma parte para a outra pelo vento.”

Ele diz: em testemunho de Cristo, ou porque os profetas falaram Dele; “A ele todos os profetas dão testemunho” (At 10,43) ou porque o próprio Cristo deu testemunho: “Embora eu dê testemunho de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro” (Jo 8,14) ou mesmo porque o Apóstolo na sua pregação deu testemunho de Cristo (At 22,18).

**15.** Em terceiro lugar, ele toca na perfeição da graça quando diz: você não está carente de nenhum dom espiritual, a saber, porque várias pessoas entre elas gozaram de todas as graças carismáticas. Pois convém à providência divina suprir as necessidades da vida sem restrições: “Os que o temem não têm necessidade” (Sl 34,9) e novamente “Aqueles que buscam ao Senhor não têm falta de bem” (Sl 34,10).

**16.** Em seguida, ele menciona as bênçãos que podem ser esperadas no futuro. Com relação a isso, ele faz três coisas. Em primeiro lugar, ele menciona a expectativa de uma bênção futura quando diz: a vocês, que não só têm graça no presente, mas estão esperando a revelação futura de nosso Senhor Jesus Cristo, ou seja, porque Ele se manifestará aos Seus santos não apenas na glória da Sua humanidade: “Os teus olhos verão o rei (dos céus) no seu esplendor” (Is 33,17), mas também na glória da Sua divindade: “Então a glória do Senhor se manifestará” (Is 40,5). Esta é a revelação que torna o homem feliz: “Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele (na glória), porque o veremos como ele é” (1 Jo 3, 2), e na qual consiste a vida eterna: “Que te conheçam a ti como o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17, 3). Ora, assim como aqueles a quem Cristo foi revelado são felizes na realidade, também aqueles que o aguardam são felizes na esperança: “Ditosos todos os que esperam nele” (Is 30,18). É por isso que ele agradece por suas expectativas.

**17.** Em segundo lugar, mostra que esta expectativa não é vã devido à ajuda da graça de Deus: daí acrescenta: Quem, isto é, Cristo, que lhes deu a esperança de tal manifestação, os sustentará na graça recebida: “depois que tiverdes sofrido um pouco, vos aperfeiçoará, fortificará, consolidará, vos tornará inabaláveis” (1 Pd 5,10) até o fim da sua vida: “aquele, porém, que perseverar até ao fim, será salvo” (Mt 10,22). Não que você fique sem pecado, porque “Se pretendemos não ter pecado (menos venial), enganamo-nos, e não há verdade em nós” (1 Jo 1,8), mas para que você seja

inocente, ou seja, sem pecado mortal : “se forem achados irrepreensíveis, sejam admitidos ao ministério do diaconado” (1Tm 3,10). Isso, eu digo, será no dia de nosso Senhor Jesus Cristo, porque uma pessoa encontrada sem crime no dia da morte chegará o dia do juízo sem crime: “Se a árvore cair para a parte do Meio-dia, ou para a do norte, onde cair, aí ficará” (Ecl 11,3). Pois a menos que ele seja encontrado sem crime agora, ele aguarda essa revelação em vão.

**18.** Em terceiro lugar, indica o motivo da sua promessa, dizendo que Deus vos fortalecerá, porque Deus é fiel: “Deus é fiel, e sem nenhuma iniquidade” (Dt 32,4). Por quem fostes chamados à comunhão de seu Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor, ou seja, para termos comunhão com Cristo, tanto na vida presente pela semelhança da graça: “se andamos na luz (da verdade e da santidade), como ele mesmo também está na luz, temos comunhão recíproca” (1 Jo 1,7) e, no futuro, participando da sua glória: “Se (somos) filhos, também (somos) herdeiros: herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo; mas isto, se sofrermos com ele, para ser com ele glorificados” (Rm 8,17). Mas Deus não pareceria ser fiel se Ele nos chamasse para a comunhão de Seu Filho e então nos negasse de Sua parte as coisas pelas quais poderíamos alcançá-Lo. Portanto, Josué (1, 5) diz: “não te deixarei, nem desampararei.”

